TL 1999-2

E.U.A. e Timor: o poder de silenciar

Drª. Anabela Carvalho

Os orgãos de informação norte-americanos têm com os poderes políticos do seu país uma relação de simbiose e cumplicidade. Esses orgãos constituem autênticos aparelhos ideológicos ao serviço de uma cultura totalitária, que se perpetua através de uma propaganda eficaz. A (não-)representação mediática de Timor Leste é paradigmática desta realidade. Esta tese é da autoria de Noam CHOMSKY, conhecido linguista norte-americano que se tem destacado, também, pela sua crítica à política e aos *media* dos E.U.A.

Segundo Chomsky, os *media* "mainstream" servem permanentemente o "interesse nacional". "Manufacturing consent"[1]: eis a sua principal missão. É fundamental gerar concordância no público, para que este continue a dar o seu acordo às decisões e acções políticas. É fundamental criar e manter "ilusões necessárias"[2] para que esse público continue passivo e apático.

> ***"Os media manteriam com o poder político uma conjura deliberada para esconder ao público norte-americano as verdades mais incómodas da política externa norte-americana."***

Edward HERMAN, que tem colaborado com Chomsky nalgumas obras, considera, igualmente, que a informação norte-americana é profundamente influenciada pela ideologia política. Pensa que a representação mediática dos acontecimentos é definida pela sua funcionalidade política e, como tal, é altamente previsível. Em "situações em que podem ser «marcados pontos contra países inimigos» ou ideias ameaçadoras, os meios de comunicação serão frequentemente activos em «campanhas publicitárias» de grande intensidade e paixão. Pelo contrário, quando acontecimentos muito semelhantes ocorrem em países amigos, os *media* prosseguirão uma política de negligência benigna".[3]

As vítimas dos conflitos políticos são avaliadas e, subsequentemente, retratadas nos *media* em função da sua utilidade política. Chomsky distingue, assim, *"worthy victims"* de *"unworthy victims"*. *"Worthy victims"* são as dos conflitos movidos por Estados inimigos. *"Unworthy victims"* as que resultam de intervenções militares dos E.U.A. ou de seus aliados. A cobertura noticiosa dos dois tipos de vítimas difere grandemente, quer na quantidade quer na qualidade da informação produzida. *"(...) Worthy victims will be featured prominently and dramatically, (...) they will be humanized, and (...) their victimization will receive the detail and context in story construction that will generate reader interest and sympathetic emotion. In contrast, unworthy victims will merit only slight detail, minimal humanization, and little context that will excite and enrage".*[4]

O caso de Timor é, de acordo com Chomsky e com Herman, perfeitamente ilustrativo do que foi dito. A invasão de Timor pela Indonésia e a violência que se lhe seguiu foram silenciadas pela imprensa norte-americana. As vítimas de Timor não têm mérito nem valor político.

Para calar as atrocidades perpetradas por um aliado dos E.U.A e o apoio norte-americano à sua acção, os *media* norte-americanos não precisaram de quaisquer instruções. *"Understanding their role, they virtually eliminated the topic from view. And at the New York Times, for example, coverage of Timorese issues had been substantial in 1975, but declined as Indonesia invaded and reached zero as the atrocites reached their peak with their new equipment provided by Carter's «Human Rights» administration in 1978. The occasional news reports carefully avoided interviewing the many timorese refugees in Portugal and Australia, choosing to rely instead on Indonesian generals, who assured readers that the Timorese who had been «forced» to the mountains by FRETILIN were now fleeing from its «control» to Indonesian protection. These «facts» were presented as facts by the «free press», when it deigned to consider the slaughter at all. Later, the*

nature and scale of atrocities were partially conceded, behind a curtain of deception and with the role of the U.S. government and the cumplicity of the press carefully excised".[5]

O confronto da cobertura noticiosa de Timor Leste com a cobertura do Cambodja entre 1975 e 1984 evidencia ainda melhor o carácter ideológico da informação americana. Tratando-se de situações semelhantes - invasões e agressão massiva-, estes dois casos têm marcas políticas diferentes, o que originou representações mediáticas completamente distintas. O domínio do Cambodja por comunistas ofereceu dividendos políticos importantes para os E.U.A. pelo que lhe foi concedida uma grande atenção por parte dos *media.* Todas as vítimas do Cambodja foram *"worthy victims".* Valeram o seu peso em crédito político. Quanto a Timor, o silêncio foi funcional. A ausência de cobertura noticiosa evitou pressões à agressão indonésia e à continuidade do apoio norte-americano.

Como se explica esta cooperação entre os *media* e o poder político?

Em alguns dos escritos mais radicais de Chomsky, transparece o que poderíamos apelidar de "teoria da conspiração". Os *media* manteriam com o poder político uma conjura deliberada para esconder ao público norte-americano as verdades mais incómodas da política externa norte-americana. Noutras obras, como *Manufacturing Consent*[6], Chomsky refere-se à existência de um conjunto de "filtros" que operam de forma aparentemente tão natural que os profissionais dos *media* se convencem que estão a agir de forma independente, íntegra e objectiva.

Um desses "filtros" é a dependência que os *media* têm do poder como fontes de informação. S. HALL e outros[7] consideram que este é um dos "imperativos estruturais" da prática jornalística. Os *media* necessitam permanentemente de informação abundante e, ao mesmo tempo, credível em imparcialidade e objectividade. As instâncias políticas constituem fontes preferenciais para os *media* porque respondem a estas necessidades - geram um volume considerável de actividade noticiável e dão uma aparente garantia de fiabilidade. As fontes oficiais tornam-se, deste modo "definidores primários" das questões da actualidade - estabelecem a interpretação primária dessas questões. Através do enquadramento que fazem dos problemas definem o limite de todas as discussões subsequentes. A tendência dos *media* para "reprodução da ideologia dominante"[8] fundar-se-á, em grande medida, nesta necessidade das fontes oficiais.

Seja a acomodação dos *media* aos poderes e interesses estabelecidos consciente e intencional ou não, a verdade é que é generalizada. Relativamente a Timor, o silêncio norte-americano terá sido seguido pelos *media* canadianos, ingleses e franceses. O que ilustra, segundo, Chomsky, a extensão e o poder da máquina ideológica ocidental. Chomsky sustenta que o ocidente, e particularmente os E.U.A., têm uma cultura totalitária em que a propaganda (veículada pelos *media)* permite controlar o pensamento e o comportamento individuais.

Contra este estado de coisas, Chomsky, nos seus livros, artigos e sobretudo nos seus boletins - panfleto, dirige-se expressamente ao leitor para o alertar e incitar à crítica. "Há que praticar a autodefesa intelectual, uma arteque inclui desde o consumo da imprensa alternativa ao exercício constante da crítica ao empenhamento em movimentos ecologistas, feministas, de apoio ao Terceiro Mundo, etc. Sem esse voluntarismo intelectual e prático não há forma de escapar à absorção pelos *media* "main-stream"."[9]

Na "Nova Ordem Internacional", Chomsky não vê virtudes especiais. Em Clinton, não identifica diferenças relevantes face aos seus predecessores. E para os *media* não prevê mudanças na sua lógica de funcionamento. Portanto, é bem necessária a acção continuada de localização de espaços discursivos alternativos.

Chomsky é famoso pelo seu radicalismo. As suas críticas e as suas posições são muitas vezes extremadas. Algum exagero que possa existir nas suas denúncias tem, pelo menos, um efeito positivo: desperta-nos a curiosidade e eleva-nos a atenção relativamente às aparentes naturalidade e inevitabilidade da informação. A propósito, quão diferente poderia ser a informação norte-americana!

R.I

Notas:

(1) (2) - Títulos de obras de Chomsky

(3) - E. HERMAN, "A diversidade de notícias: «marginalizando a oposição»", in N. TRAQUINA (Coord.), Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»", Lisboa,Vega, 1993, p. 217

(4) - N. CHOMSKY, Manufacturing consent. The Polical Economy of Mass Media, New York, Pantheon Books 1993, p. 35

(5) - N. CHOMSKY, Prefácio a J. RAMOS- HORTA, Funu, The Unfinished Saga of East Timor, Trenton, Red Sea Press, 1987, p.XII

(6) - Op. cit.

(7) - S. HALL e outros, "A produção social das notícias: o "mugging" nos *media",* in N. TRAQUINA (Coord.), Jornalismo, Questões, Teorias e «Estórias»", Lisboa, Vega, 1993, p. 231

(8) - S. HALL e outros, op. cit., p. 231

(9) - L. COELHO, " Chomsky - intelectual radical", Expresso, 28.3.93